



GIL VICENTE – Sessenta cabeças – 1997 – nanquim sobre papel.

# Dossiê Complexidade Movimentos

# Conexidade e Geografia<sup>1</sup>

Aldo Aloísio Dantas da Silva – UFRN

## RESUMO

Guiado pelas noções de complexo e conexidade este artigo trata destas noções tomando por base as elaborações de Paul Vidal de la Blache (1845-1918), geógrafo francês, fundador da Escola Francesa de Geografia. Para ele a geografia é uma ciência de síntese e que deve combinar sempre os aspectos da natureza e da sociedade. Para interpretar as relações dos grupos humanos com a natureza Vidal desenvolve os conceitos de “meio” e de “gênero de vida”. Entende ele que os agrupamentos humanos, através do uso, humanizam a natureza e, imbricando-se com a plasticidade do globo, imprimem suas marcas na superfície da Terra produzindo “paisagens”. Estas paisagens são a materialidade e a expressão da realização de combinações (conexidades) entre elementos da natureza e da cultura. Para analisá-las Vidal desenvolve a démarche regional fortemente alicerçado numa dialética das escalas.

Palavras-chave: Vidal de la Blache – Geografia humana – Conexidade – Paisagem.

## RESUMÉ

Guidé par les notions de complexe et connexité, cet article traite de ces notions ayant pour fondement les élaborations de Paul Vidal de la Blache (1845-1918), géographe français, fondateur de l'École Française de Géographie. Pour lui, la géographie est une science de synthèse qui doit toujours combiner les aspects de la nature et de la société. Pour interpréter les relations des groupes humains avec la nature, Vidal développe les concepts de “milieu” et de “genre de vie”. Sa conception est que les groupes

humains, à travers l'usage, humanisent la nature en s'imbriquant avec la plasticité du globe et impriment leurs marques sur la Terre en produisant des “paysages”. Ces paysages sont la matérialité et l'expression de la réalisation de combinaisons (connexités) entre des éléments de la nature et de la culture. Pour les analyser, Vidal développe la démarche régionale fortement fondée dans une dialectique des échelles.

Mots clés: Vidal de la Blache – Géographie humaine – Connexité – Paysage.

## INTRODUÇÃO

Na abertura de seu livro “O Paradigma Perdido: a natureza humana”, Edgar Morin remete-se aos anos 1948-50 quando redigia “O Homem e a Morte” e assinala que procurava “o ponto de ligação e de ruptura entre a biologia e a ciência do homem”. Morin está preocupado com a cisão da ciência oficial. “Como se sabe, a teoria do homem que ainda hoje reina baseia-se não só na separação, mas também na oposição, entre as noções de homem e de animal, de cultura e de natureza, e tudo aquilo que não se ajusta a este paradigma é condenado como ‘biologismo’, ‘naturalismo’, ‘evolucionismo’” (MORIN, 1973, p. 7).

Se é verdade que sociólogos e outros estudiosos das ciências humanas, em boa medida, no final do século XIX, negligenciaram a “natureza” isso não se aplica aos geógrafos, seus contemporâneos, e Vidal de la Blache é um exemplo disto.

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de pesquisa mais ampla, desenvolvida na França, para a elaboração de minha tese de doutoramento que contou com apoio financeiro decisivo da CAPES.

Considerado unanimemente como fundador da geografia “moderna” francesa, Vidal é historiador de formação, homem de terreno, estudioso da geografia alemã e um pensador fortemente vinculado ao ensino da disciplina que ajuda a institucionalizar.

A nova geografia que ele quer fundar tem uma visão unitária: ele tenta fundar uma síntese entre Natureza e Cultura, duas categorias julgadas em sua época, senão irreduzíveis, dificilmente conciliáveis.

Colocado em seu tempo, Vidal não é exatamente um descobridor, é antes um assimilador genial dotado de grande rigor e de grande talento literário. Ele soube integrar, às suas construções, idéias de seus antecessores, de seus contemporâneos, geógrafos ou não, de seus alunos. Emprestou às ciências naturais e humanas elementos de demonstração adaptando essas fontes heteróclitas às realidades francesas do final do século XIX.

O tema central deste trabalho é discutir a concepção de “conexidade” em Vidal de la Blache. Como já assinalamos, Vidal é, originariamente, um historiador que se dedica aos estudos da antiguidade. Uma estada na Escola Francesa de Roma e o contato com grandes artistas e intelectuais, além das viagens que fez pela Grécia, Síria, Palestina e Egito revelam, ao mesmo tempo, sua vocação de geógrafo e seu incomparável talento para a descrição. É nesse período, momento de preparação de sua tese, que Vidal toma contato com a obra de Carl Ritter, que servirá de guia para suas reflexões futuras.

O contato com a obra de Ritter leva-o a uma aproximação, cada vez maior, com a geografia alemã, disciplina científica nova e viva que se apóia, ao mesmo tempo, nas ciências da natureza e na história, fazendo a ponte entre esses dois ramos do conhecimento que florescem nessa época. Vidal não esconde o que ele deve aos mestres alemães.

Esse geógrafo cria um ensinamento “novo”, suscitando investigações que repousam na análise sobre o inventário e a interpretação dos traços físicos e humanos cuja concretude se expressa na paisagem e define a personalidade das regiões.

Seguramente, a nova disciplina criada por Vidal tem em seu fundamento um pensamento avesso ao pensamento disjuntivo. O que move o seu pensamento é uma idéia fixa de colocar os olhos sempre sobre o conjunto de traços que caracteriza uma determinada região, “a fim de permitir ao espírito estabelecer entre eles uma ligação”. Para Vidal, é nessa ligação que consiste a explicação geográfica. Encarados isoladamente, os elementos têm apenas valor de fato: um elemento é um fato geográfico. Seu sentido e sua significação devem ser buscados no lugar que ocupam no encadeamento e na lógica de que fazem parte. É por isso que a concepção de conexidade é parte fundamental de seu pensamento. Essa concepção se origina na idéia ritteriana de “totalidade”. Vidal, no prefácio do seu Atlas, espécie de manifesto de sua obra, após nos falar do “princípio de conexidade que une os fenômenos geográficos”, insiste sobre o fato de que “nenhuma parte da Terra traz nela mesma a sua explicação”.

Para interpretar as relações dos agrupamentos humanos com seu meio ambiente, Vidal desenvolve as noções de “meio” e de “gênero de vida”. Para ele, os elementos do “gênero de vida” – habitação, alimentação, técnicas de trabalho – são interessantes à medida que contribuem para expressar as relações do homem com seu entorno. Esses elementos contribuiriam também, na análise do potencial tecnológico de cada grupo, para o melhor entendimento de suas necessidades, seu nível de organização e, ainda, para se compreender o desigual controle das condições naturais, a dependência dos recursos e o sistema de cultura desenvolvido frente às possibilidades oferecidas pela natureza. Essas reflexões desaguam na sua concepção de civilização, que ocupa, assim como a de “meio”, um lugar de destaque em sua obra, sobretudo nos “Principes de géographie humaine”.

Não podemos esquecer que Vidal é um naturalista e, como tal, não recusa nem minimiza a influência dos fatores naturais sobre as sociedades humanas. Para ele, pode-se efetivamente buscar, na geologia, no clima, no relevo e na hidrografia, razões para a repartição dos homens e a posição das cidades.

De modo geral, por sua formação nos métodos de observação e no trabalho de campo, Vidal trabalha com escalas variadas, fazendo, na análise, a articulação entre elas. Por sua formação de historiador e naturalista, ele manipula tipos diferenciados de temporalidade. A importância que dá aos aspectos da natureza e aos aspectos humanos, aos aspectos físicos e biológicos, coloca a geografia entre as ciências naturais e as ciências sociais e econômicas.

Esse duplo aspecto da geografia vidaliana – natural e humana – coloca a paisagem – a fisionomia, como chamava Vidal – no centro da discussão geográfica. Nesse sentido, afirmamos que o traço mais marcante da geografia vidaliana é a análise da paisagem, entendida como a materialidade – impressão – e a expressão da relação entre o homem e o seu entorno.

Como muito bem nos mostra Morin (1998) o universo em que se dá a institucionalização científica é um universo alicerçado num pensamento disjuntivo e redutor. Disjunção que isola os objetos uns dos outros, de seu ambiente e de seu observador. Envolve nesse ambiente a geografia vidaliana aponta em outra direção. Na abertura de sua mais famosa obra – *Tabelau de la géographie de la France* – Vidal diz que “a história de um povo é inseparável da região que ele habita”. Região para Vidal é o lugar biogeográfico-social dos agrupamentos humanos. Inspirando-se, em parte, nos trabalhos da escola geográfica alemã, utilizando-se das recentes pesquisas na geologia e tirando proveito das novas tendências que fizeram evoluir as ciências da terra, na França, Vidal de la Blache, liga o humano e o físico para fazer da geografia um verdadeiro estudo das relações entre cultura e natureza.

## VIDAL DE LA BLACHE E O MÉTODO<sup>2</sup>

Antes de tudo, a geografia vidaliana caracteriza-se por uma forma de olhar as coisas, por uma geografização da Terra, por uma fisionomização da

superfície, por uma paisagização do mundo. Na demarcação vidaliana a paisagem é, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o ponto de chegada. O estudo geográfico de uma região, por exemplo, se funda, principalmente, sobre a observação de sua paisagem, mas ao mesmo tempo ela é o resultado fenomenal de um processo real de combinações de forças. O geógrafo deve, assim, estudar a paisagem tendo sempre em mente que o que interessa à geografia é a explicação de sua gênese, é a análise das forças que a constituem. Dessa maneira, a paisagem será, precisamente, o ponto de chegada da análise geográfica, uma espécie de representação concreta, a formalização mesma da análise.

Trata-se mesmo de dar uma representação completa da paisagem observada e observável. É em função disso que a análise vidaliana de uma região será uma “descrição explicativa”, um paisagismo explicativo.

O duplo aspecto da démarche geográfica – descrição de uma região e explicação de sua gênese – se funda sobre a dupla natureza da paisagem. A paisagem é um misto, uma articulação de forças que se manifestam fenomenalmente na superfície da terra. Para Vidal, a paisagem é um conjunto complexo. Essa articulação de forças é provisória e transitória e se traduz pela fisionomia da paisagem, que é algo de mutante, de dinâmico; é a manifestação concreta da paisagem e seu duplo. Ao mesmo tempo a paisagem é uma parte da superfície terrestre, uma região, um lugar.

O duplo aspecto da paisagem – o elemento dinâmico (a fisionomia) e o elemento “estático” (o lugar) – são polos que fundam uma mesma realidade e compõem uma relação de “identidade”. Na verdade, não podemos separar o lugar de sua fisionomia passada, presente ou futura. Mesmo mudando, a fisionomia é a fisionomia de um determinado lugar. As modificações da fisionomia constituem mesmo a história do lugar. Essa história é uma história individualizada, multiplicada numa infinidade de diferenças decorrentes do número de paisagens que partilham a superfície da Terra.

<sup>2</sup> Fundador da Escola Francesa de Geografia.

À geografia cabe descrever a repartição das sociedades humanas na superfície da terra e as marcas que elas imprimiram na paisagem. O quadro apresentado pela paisagem é, assim, o ponto de partida da reflexão geográfica: ele coloca a questão da origem das formações da densidade, das configurações do habitat, da utilização do solo, a dinâmica da população como as formas da ação humana e dos componentes culturais correspondentes.

A démarche geográfica consiste, então, numa individualização das paisagens, em suas diferenciações, em sua “*mise en tableau*”. A finalidade é fazer aparecer a ordem subjacente da série que constitui a paisagem. Nesse sentido, Vidal (1984, p. 7) diz:

A geografia tem, pois, diante dela um belo e difícil problema, o de compreender, no conjunto dos caracteres que compõem a fisionomia de uma região, o encadeamento que os religa e nesse encadeamento, uma expressão das leis gerais do organismo terrestre. Problema que é necessário, a cada dia, reconhecer e cuja complexidade é essencial aumentar, isso porque nós portamos exigências de análise mais exatas e percebemos cada vez mais a intervenção de causas que remontam a um passado longínquo, no estado da Terra.

Para Vidal, o ponto de partida da análise geográfica seria o seguinte: mesmo que a paisagem tenha uma dimensão visível, ela é o resultado complexo de uma produção. A paisagem é um produto objetivo e a percepção humana atinge, inicialmente, apenas o seu exterior. Nesse sentido, existiria na paisagem alguma coisa de interior, uma substância, um ser da paisagem, que não é possível ver apenas em seu exterior. Ao geógrafo cabe tentar ultrapassar a superfície, a exterioridade e, assim, compreender a “essência” da paisagem.

Mas a paisagem seria um produto do quê? Uma resposta possível é que ela é o produto de interações e de combinações entre um conjunto de condições naturais (geológicas, morfológicas, climáticas, botânicas, etc.) e um conjunto de realidades humanas, econômicas, sociais e culturais. São essas interações que, no tempo e no espaço, promovem as mutações que são percebidas na paisa-

gem visível. “A paisagem é o efeito e a expressão evolutiva de um sistema de causas elas mesmas evolutivas: uma modificação da cobertura vegetal ou mesmo uma mudança nos mecanismos da produção agrícola se traduzem nas aparências visíveis” (BESSE, 2000, p. 102). Sendo assim, o aspecto das coisas é uma realidade geográfica.

A fisionomia é um conceito fundador para a geografia de Vidal e da Escola Francesa de Geografia do início do século XX. Encontramos frequentemente em Vidal expressões como “fisionomia de uma região”, “fisionomia de um pays”<sup>3</sup>, “fisionomia da paisagem” ou, ainda “fisionomia da Terra”. Trata-se aqui de compreender a característica de cada território considerado, o que ele tem de específico e o que o distingue dos outros.

Tanto quanto Vidal, Jean Brunhes tinha na idéia de fisionomia o fundamento objetivo da geografia. Em todos os lugares o homem “inscreve” sua passagem através de “impressões” que são o objeto dos estudos geográficos (BRUNHES, 1964).

Uma “inscrição” é, portanto, um fato geográfico. Os traços e as “impressões” da atividade humana e da vida, de uma forma geral, que marcam o solo são os objetos do olhar geográfico. A noção de “paisagem” encontra nessa definição de “fato geográfico” sua plena legitimação. A paisagem é, aos olhos do geógrafo, uma “impressão”.

Essa metáfora da “impressão” também passa o pensamento vidaliano. No trecho que se segue perceberemos de maneira indireta como essa noção aparece e, ao mesmo tempo, reconheceremos outros elementos que fazem parte do pensamento vidaliano como é o caso da idéia de individualidade geográfica e da de conexão:

Uma individualidade geográfica não resulta da simples consideração da geologia e do clima. Isso não é uma coisa dada de antemão pela natureza.

<sup>3</sup> Não traduzimos este termo, pois ele não quer dizer, neste contexto, país no sentido de nação. Aqui ele significa a menor unidade comunal, considerado como uma unidade viva, correspondente mais ou menos ao território tribal antigo. Sempre que não estiver traduzido estaremos lhe dando este sentido.

É preciso partir da idéia de que uma região é um reservatório onde dormem energias nas quais a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele quem, ao se submeter ao seu uso, traz à luz sua individualidade. Ele estabelece uma conexão entre os traços dispersos; aos efeitos incoerentes de circunstâncias locais ele substitui um concurso sistemático de forças. É só então que uma região se precisa e se diferencia e transforma-se, por extensão, numa medalha cunhada à esfinge de um povo (VIDAL, 1979, p. 8).

Essa mesma metáfora é usada, explicitamente, quando Vidal elabora o seu conceito de região. Os elementos meteorológicos, geológicos, botânicos, geográficos interessam ao geógrafo na medida em que contribuem, de diversas maneiras, para “imprimir” na superfície da terra os aspectos variáveis das regiões. O fragmento seguinte expressa de forma bastante clara esta idéia:

A superfície da terra é, com efeito, o substratum comum onde os efeitos de diferentes fatores se inscrevem em características plásticas. Existe entre os fenômenos naturais um estreito encadeamento. Mesmo oriundos de causas diferentes, que convém estudar cada uma à parte, eles agem sem cessar uns sobre os outros. [...]. Cabe ao geógrafo trazer à luz os conjuntos originais que são produzidos na superfície do globo pelas combinações plenas de variedades que realizam esses fenômenos. É nesse sentido também que podem existir regiões naturais; a expressão de *Naturgebiet*, que encontramos muitas vezes na obra de Karl Ritter, responde a divisões desse gênero. Elas resultam do conjunto dos fenômenos físicos que se combinam na fisionomia de uma região. As reações recíprocas dos agentes físicos, tanto quanto os fatos de associação e de simbiose que caracterizam o mundo vivo se traduzem em fisionomias expressivas apenas quando elas se manifestam sobre uma determinada extensão. A região é o quadro necessário que responde a esse campo de estudos. A forma regional se impõe, assim, na maior parte dos casos, às pesquisas geográficas (VIDAL, 1912, p. 121-122).

Concordamos com Besse (2000), quando diz que, nesse texto de Vidal, encontramos elementos para uma teoria da “impressão”, diríamos mesmo elementos para uma teoria da realização do mundo

vivo. De um lado, temos uma superfície de impressão, a superfície da terra, que é apresentada como um substrato, como uma espécie de massa moldável – e modeladora – pronta para assimilar as inscrições; de outro lado, encontramos os diversos agentes de impressão, que são as diferentes séries causais que rebatem seus efeitos inscrevendo-os sobre o substrato que se apresenta como um dos pólos do fato geográfico. Nesse mundo da plasticidade, que se realiza mediante a ação do homem, o fato geográfico se apresenta como uma escritura: é a paisagem.

Retomando a questão da individualidade das paisagens, para Vidal, essa individualidade é, antes de tudo, um reconhecimento. A excursão e a “passagem em revista” da paisagem, isto é, a compreensão de sua dispersão e a sucessão das “impressões”, em seguida a síntese, que engendra uma representação, permitem uma construção cognitiva da paisagem do lugar. Ao que parece, a idéia é construir uma imagem e inscrever materialmente as diferenças nascidas da observação direta. A observação direta, o “olhar geográfico”, oriundo da “passagem em revista” da paisagem, possuem, na geografia vidaliana, um caráter fundante. Sobre isso um geógrafo dos nossos tempos traz uma interpretação muito significativa. Vejamos:

No que concerne ao desenvolvimento desse método do olhar geográfico, tomemos como ilustração um opúsculo de Pierre George [...]: *A la découverte du pays de France* [...]. O objetivo que se encontra desenvolvido é o do passeio inteligente, [...]. Trata-se, diz Pierre George, no seu *avant-propos*, ‘de ajudar o promeneur ou o viajante curioso a compreender os detalhes dessa construção complexa que é uma paisagem’. Pierre George fornece, então, ao seu leitor um conjunto de regras destinadas a guiar o olhar, um método de observação. Este compreende dois momentos: num primeiro, o olhar deve ser analítico e distinguir os diferentes elementos particulares, naturais e humanos que compõem uma paisagem dada [...]; mas no segundo, o olhar deve chegar a uma consideração sintética do conjunto da paisagem. Esses dois momentos do olhar, um que dissocia e o outro que reúne e combina, permitem, quando se lançam sobre a paisagem ou uma região, compreender a verdadeira ‘originalidade’, a ‘personalidade’[...] (BESSE, 2000, p. 113).

De todo modo, o próprio Vidal reconhece que a observação direta não é a chave de toda a explicação regional na medida em que uma região não pode ser analisada de forma isolada e por si só.

A característica de uma região é, assim, uma coisa complexa, que resulta do conjunto de um grande número de traços e da maneira pela qual eles se combinam e se modificam uns aos outros. É necessário ir mais longe e reconhecer que nenhuma parte da Terra traz nela mesma sua explicação. O jogo das condições locais se descobre com alguma clareza apenas quando a observação se eleva para além dessas condições e quando se pode vislumbrar as analogias, que levam naturalmente à generalidade das leis da terra. O estudo dos Alpes não é possível sem o das cadeias de dobramentos recentes; o do Saara sem, o dos outros desertos do globo. Com efeito, a Terra é um todo cujas diversas partes se esclarecem mutuamente. Estudar uma região isoladamente como se ela não fizesse parte de um conjunto seria o mesmo que colocar uma viseira sobre os olhos (VIDAL, 1984, p. 10).

Nesse sentido, o método da geografia é, antes de tudo, comparativo, na medida em que se trata, na explicação, de esclarecer um fenômeno por um outro que sucede em outra parte da terra. O método da geografia gera um princípio de explicação pelo conjunto em que figuram relações de vizinhanças, de afinidades, de formas, ou de clima. É através das comparações dos casos análogos que a geografia revela seu objeto. Mas a ela é também sintética, na medida em que visa compreender e revelar as “combinações”, as “conexidades” que unem os diferentes fenômenos (climáticos, biológicos, econômicos) que caracterizam uma região. No entanto essa sintetização e essa comparação são de ordem particular. Trata-se mesmo da questão da relação da geografia com o seu objeto.

O objeto da geografia vidaliana é, antes de tudo, seu campo de investigação, seu domínio: a superfície da terra. “O campo, por excelência, da geografia é a superfície; isto é, o conjunto dos fenômenos que se produzem na zona de contato entre as massas sólidas, líquidas e gasosas, que constituem o planeta” (VIDAL, 1985, p. 41). Os

fenômenos subterrâneos interessam à geografia apenas quando emergem à superfície. Mas a superfície da terra é a expressão da “fisionomia” da terra, é a distribuição de um certo número de fenômenos em lugares diferentes. O que a geografia analisa é a “combinação” de formas e de linhas do relevo que se articulam com a vegetação, com as culturas, com os estabelecimentos humanos. O que se trata de desvendar é uma espécie de “complexo” de condições mutantes. Os fenômenos que o olho do geógrafo descobre são a expressão de leis gerais, são os traços de uma atividade contínua, de uma história de forças em constante transformação. Cabe à geografia humana analisar esses traços, as “impressões” do homem sobre a terra, ou seja, as marcas da humanização da natureza. O olhar do geógrafo deve ser um olhar estigmático.

A démarche geográfica consiste precisamente na localização desses fenômenos, em seu reconhecimento e sua descrição. A descrição tem nisso um papel fundamental: trata-se de explicar o aparecimento de cada fenômeno considerado, de revelar as leis que determinaram essa aparição convergente dos fenômenos em um determinado ponto.

## VIDAL E OS PRINCÍPIOS DE GEOGRAFIA HUMANA<sup>4</sup>

### O meio

Sem romper com a antiga problemática das inter-relações homem/meio, Vidal considera que a problemática geográfica se situa no nível dos conceitos, notadamente o de unidade terrestre. Este deve ser concebido não de maneira metafísica, mas racionalmente. Para tanto, devemos tomá-lo em suas inter-relações tanto entre os fenômenos terrestres e as partes do globo onde eles se situam como entre as leis físicas e biológicas que regem a terra e o mundo vivo que a povoa.

<sup>4</sup> “Principes de Géographie humaine”, publicado postumamente em 1921 por Emmanuel de Martonne. A edição que utilizaremos é uma reedição de 1995 da Utz, Paris.

Segundo Vidal (1995, p. 31):

A idéia que toma todo o progresso da geografia é a de unidade terrestre. A concepção da terra como um todo cujas partes estão coordenadas, onde os fenômenos se encadeiam e obedecem a leis gerais das quais derivam os casos particulares, tinha, desde a antigüidade, entrado na ciência através da astronomia. Seguindo a expressão de Ptolomeu, a geografia é 'a ciência sublime que lê no céu a imagem da terra'. Mas a concepção de unidade terrestre permanece durante muito tempo confinada ao domínio matemático. Ela toma corpo nas outras partes da geografia apenas nos nossos dias e sobretudo pelo conhecimento da circulação atmosférica que preside as leis do clima. Cada vez mais somos levados à noção de fatos gerais ligados ao organismo terrestre. É com razão que F. Ratzel insiste sobre essa concepção da qual faz a pedra angular de sua Antropogeografia. Os fatos de geografia humana se prendem a um conjunto terrestre e são explicados apenas por ele. Eles estão relacionados com o meio que cria, em cada parte da terra, a combinação das condições físicas.

É possível inferirmos, a partir do texto acima, que o estudo do território tira toda sua força gnosiológica do fato de que devemos encarar o território em sua dimensão ecológica como sendo um espaço mais ou menos limitado, no qual as relações entre os seres e o meio físico se complementam concretamente. No entanto essa noção de "conjunto terrestre" não implica obrigatoriamente contigüidade dos espaços aos quais estão ligados os fatos humanos estudados. Vidal, em vários momentos, refere-se a casos de espaços descontínuos, fragmentados, nos quais se insere uma atividade (criação no pampa argentino, mercados europeus).

Essa noção de "conjunto terrestre" recobre, pois, a idéia de uma dependência material das atividades humanas com relação ao substrato terrestre, mais do que ao conjunto espacial caracterizado por sua contigüidade interna e suas fronteiras. Uma certa hesitação parece transparecer, na medida em que Vidal vai de uma afirmação estritamente determinista, quando afirma que os fatos geo-

gráficos humanos se ligam ao conjunto terrestre "e são explicados apenas por ele" à evocação de relações de dependência menos rígidas, quando diz que os fatos geográficos humanos "estão relacionados com o meio". Aqui os fatos humanos estão relacionados e não determinados. Seria mesmo uma contradição, ou podemos ver nesses dois tipos de explicação dois momentos do pensamento e duas escalas de referência? De um lado, Vidal afirma a materialidade do homem enquanto espécie natural e sua inserção no espaço terrestre; por outro lado, ele admite a existências de relações las-sas entre o território (onde os grupamentos humanos realmente vivem) e o grupo.

Para estudar essas relações entre as partes e a unidade terrestre, Vidal elabora a noção de meio, que tem como caracteres principais o sintético e o circular<sup>5</sup>. Por sintético entende-se a reunião de elementos provenientes de origens diversas, que se expressam no seio de um mesmo fenômeno e conferem a esse fenômeno uma forma própria. A circularidade deve-se ao fato de que essa forma, que pode ser definida como uma totalidade (o meio, a região, a paisagem, etc.), é o resultado da fusão de forças diversas que reagem entre si e são causa e efeito umas das outras. Na verdade, o meio seria um campo de ação e de tensão entre diferentes elementos e é essa dinâmica que constitui o objeto de investigação da geografia.

O meio, campo de tensão entre diversos elementos físicos e humanos, constitui o campo epistemológico da geografia e, enquanto conceito sintético e circular, ele se define também por sua maneira de ser. E não se trata de um conceito abstrato, fundado por uma racionalidade geral; o meio existe como uma manifestação real e concreta. Assim esse conceito tem uma dimensão ontológica, uma expressão física e é a partir da multiplicidade das variações possíveis que ele pode verdadeiramente aceder à posição de um objeto da pesquisa científica (GOMES, 2000, p. 65).

<sup>5</sup> Ver, sobre isso, Gomes, 1997 e 2000.



A fisionomia, noção fundamental do pensamento vidaliano, é a marca distintiva da singularidade de cada meio, de cada região. No entanto lembramos que, para Vidal, nenhuma região se explica por si só: em cada uma delas existem as marcas de um elemento geral. O geral, nesse caso, é a dinâmica entre os diferentes fatores, que agem com intensidade e modalidade diferentes ao mesmo tempo que modelam os “meios” particulares.

A noção de meio, que compõe o arcabouço teórico de Vidal, não pode ser entendida sem a noção de ação humana. A natureza, para ele, é uma força viva, que possui movimento próprio e elementos em “conexão” que escapam à intervenção humana. No entanto a natureza torna-se “meio” à medida que a ação humana intervém em sua dinâmica. Nesse sentido, a noção de meio é relativa à intervenção humana, que lhe dá uma forma particular. “A obra humana de transformação da natureza é uma empreitada geral, mas as formas concretas dessa intervenção são únicas e particulares e definem os ‘meios’” (GOMES, 2000, p. 68).

### Uma concepção naturalista do homem e da geografia

Um elemento que está inscrito nas referências, nas imagens e nos modelos utilizados por Vidal é a visão “naturalista” da geografia humana. O estudo demonstrativo, as analogias explicativas e as frequentes metáforas atestam, por um lado, a dimensão naturalista do homem e, por outro, o impacto das ciências naturais nas formulações de Vidal.

Essa dimensão naturalista do homem repousa sobre o reconhecimento do homem como ser vivo e pertencente à natureza e, dessa maneira, submetido às leis biológicas estudadas pelas ciências naturais. Vidal se inscreve, assim, na corrente evolucionista do fim do século XIX<sup>6</sup>. Essa concepção

tem uma importância fundante na epistemologia vidaliana uma vez que funda a problemática, o método e os conhecimentos da geografia humana de vidaliana.

O estudo das relações homem/natureza é legitimado cientificamente pela abordagem naturalista. Vidal mostra que essas relações existem objetivamente, não somente sob a forma de manifestações empíricas, mais ou menos percebidas pelos geógrafos e pelo senso comum, mas, também pela realidade demonstrada pelas ciências naturais através da adaptação das espécies. É assim que a expressão “influência do clima”, no pensamento vidaliano, tem uma importância e um valor de grande significação. O capítulo “Os grupamentos e os meios” nos fornece elementos para uma grande discussão.

Nesse capítulo, Vidal trata de circunscrever e dar sentido ao que chama a “força do meio”. Essa expressão é, para ele, o correspondente a um sentimento obscuro, que persegue os espíritos desde os tempos mais antigos, mesmo que o homem moderno tenda a ignorá-lo cada vez mais. O que lhe fornece provas da dependência do homem com relação ao meio são os efeitos do estabelecimento de colonos em domínios climáticos diferentes das de sua origem. A adaptação fisiológica, pode ser demonstrada sob os diversos climas e nas regiões de alta altitude. A adaptação se aplica ao homem, por um lado, “por seus órgãos de respiração, de alimentação, de secreção [pelos quais] ele permanece como os animais, embebido de influências do meio ambiente” (VIDAL, 1995, p. 122), por outro lado pelo seu cérebro uma vez que os recursos para a adaptação são buscados naquilo que distingue os animais uns dos outros.

É dessa maneira que a forte pigmentação da pele, a atividade das glândulas de secreção são armas eficazes contra o forte calor.

Se nós passamos de regiões úmidas e quentes àquelas onde os contrastes de temperatura são mais precipitados, onde a secura do ar está susceptível de atingir os mais altos graus, outros traços de adaptação nos tocam. Esse clima seco resseca os tecidos da

<sup>6</sup> Ver, sobre a relação Vidal e o naturalismo, V. Berdoulay e O. Soubeyran, 1991; V. Berdoulay, 1995; O. Soubeyran, 1997.

pele e precipita a circulação do sangue. O sangue, mais pobre em água, age vivamente sobre o sistema nervoso e excita essa função. Associado a variações bruscas de temperatura, hora a hora, ao rápido renovo dos elementos do ar, essa *secura* é um tônico e um estimulante (VIDAL, 1995, p. 123).

Assim a “força do meio” tem uma influência generalizada, manifesta-se de diversas formas, até mesmo no funcionamento do sistema nervoso e conseqüentemente nas capacidades físicas e intelectuais. “Quantas frases foram repetidas sobre o aspecto de atonia e de tristeza que exprime a fisionomia desses índios da América!” Vidal se admira, mas prossegue: “O fato é real; eu me lembro de ter ficado impressionado, no México, com a ausência de movimento e de alegria, mesmo das crianças, nos grupos que se formavam para as refeições [...]. Isso não seria um simples efeito de hereditariedade fisiológica?” (p. 123-124). Vidal tenta fazer justiça a explicações improváveis pautando-se em realidades objetivas, qual seja a influência das condições de vida sobre a fisionomia, a fisiologia e as capacidades de comportamentos humanos, restabelecendo o papel das condições físicas que o homem moderno teria tendência a negligenciar. Ele abre, dessa maneira, uma via de interpretação das repartições dos homens e de seus caracteres fundando-se sobre a compreensão dos mecanismos biológicos e ecológicos.

Sendo uma espécie viva, social e inteligente, o homem não deve ser apreendido individualmente pela geografia. Vidal tira as conseqüências teóricas desse entendimento embasando-se nas teorias de Charles Darwin e Jean-Baptiste Lamarck. Em decorrência disso considera que: a) o sujeito da evolução não é o indivíduo, mas a espécie; assim sendo o homem deve ser considerado enquanto espécie; b) é a sociabilidade do homem que assegura, com a inteligência deste, seu sucesso na concorrência vital, o que implica que a geografia se interesse necessariamente pelos agrupamentos humanos; c) é o meio que cria a unidade do grupo numa coabitação sobre um determinado suporte terrestre partilhado com os indivíduos de outras espécies.

Aos olhos de Vidal, as leis físicas e biológicas se aplicam de maneira geral ao conjunto terrestre. Isso constitui uma espécie de unidade superior de referência, enquanto que a observação de fenômenos em um lugar revela casos particulares de aplicação dessas leis. Partindo dessa concepção, tanto um estudo geral quanto um estudo regional são válidos e o estudo regional só atinge sua plenitude e significação se estiver relacionado ao “todo” terrestre do qual ele é uma amostra. Não existe antinomia entre essas duas abordagens. Ao estudarmos, por exemplo, as densidades populacionais,

todas as partes da superfície terrestre devem ser levadas em consideração, o que, apesar da insuficiência de algumas informações, hoje, não tem nada de quimérico. O conjunto só adquire sua plena significação, precisamente, por meio das diferenças, dos contrastes e das anomalias que ele descobre (VIDAL, 1995, p. 43).

Numa certa medida, o estudo dos diversos lugares permite estabelecer um catálogo completo das situações efetivamente realizadas na superfície do globo e compreender as interações homem/meio e quiçá as suas leis.

Dois outros elementos integram as elaborações vidalianas: o estudo das densidades populacionais e os gêneros de vida.

A análise das densidades populacionais repousa sobre uma hipótese formulada de maneira passageira no capítulo “A repartição dos homens sobre o globo”. Num determinado ponto, Vidal, (1995, p. 43), diz:

Para considerar as relações da terra e do homem, a primeira questão que se coloca é esta: como a espécie humana está repartida sobre a superfície terrestre? Ou, para chegar mais próximo, em que proporções numéricas ela ocupa as diferentes regiões? Presumimos mesmo que o critério não seja infalível, que os homens, raros ou numerosos, em grupos densos ou espalhados, imprimem ao solo uma marca mais ou menos durável, que seu papel é mais ativo ou mais passivo, o fato é que, esse papel é exercido, em todo caso, de maneira diferente.

A utilização das densidades como instrumento de pesquisa é resultante de premissas naturalistas. O que está em jogo são as relações da terra e do homem, reguladas pela dominação das condições de existência e pelo papel transformador do homem, que revela, num primeiro momento, a carga humana sobre o espaço.

Da mesma forma que o estudo das densidades populacionais, o estudo dos gêneros de vida responde a uma problemática naturalista, que revela as maneiras com as quais os homens asseguram sua existência e sua sobrevivência. Analisados conjuntamente com o estudo do meio, os gêneros de vida fornecem um exemplo equivalente ao da adaptação das outras espécies vivas. No entanto o homem é também a prova, mais que os animais, da criatividade, da criação e transmissão de hábitos, da iniciativa e da plasticidade.

Assim, no capítulo intitulado “Os grupos e os meios”, Vidal estabelece primeiramente a força dos meios e conclui dizendo que os seres vivos procuram adaptar-se aos meios dos quais dispõem. O autor deixa aberta a discussão sobre as modalidades de transmissão dos procedimentos de adaptação. Seriam elas hereditárias?

Efetivamente Vidal (1995) jamais define a expressão “gênero de vida”. Ele fala de “caçadores”, “agricultores”, “pastores”, “pescadores” e analisa, sobretudo as combinações de instrumentos de trabalho, fontes de alimentação, materiais utilizados, notadamente, pelas habitações, os estabelecimentos humanos... Estes são certamente elementos descritivos de uma região ou de um grupamento humano. No entanto, esses elementos são encarados primeiramente como “tentativas independentes para resolver, em comunidade, problemas de existência sob a pressão das influências geográficas” (p.131), ou “relações que ligam o homem a um certo meio” (p.145), ou ainda “relações do homem e do solo” (p.181).

### A utilização de modelos naturalistas e a garantia científica

O modelo científico utilizado por Vidal é constituído pelas ciências naturais, que desempe-

ñham papéis diversificados. Elas fornecem o que se poderia chamar um suporte “pedagógico”, uma vez que constituem grande fonte de metáforas às quais Vidal recorre sistematicamente. Essas metáforas têm a função fundante no pensamento vidaliano, pois se destinam a transmitir idéias, sob a forma de imagens.

Por outro lado, as ciências naturais exercem a função de ciências anexas, de onde são tirados elementos de demonstração. Elas entram diretamente em jogo nas explicações dos fenômenos humanos. A ecologia e a fisiologia animais e vegetais permitem analisar alguns elementos constitutivos do meio. A analogia entre as condições de vida dos homens e a dos animais permite a utilização de conhecimentos de uma ciência mais avançada, na qual a experiência é possível num domínio ainda em formação e na qual a experimentação é ainda muito marginal. Os elementos emprestados às ciências naturais e as transposições por analogia são frequentes nas elaborações vidalianas.

Dessa maneira, para Vidal, a “fisionomia de uma região” não é apenas algo pitoresco e desprovido de interesse científico. É uma realidade de grande valor heurístico, cujo princípio é reconhecido e cuja análise é possível. “Não se trata”, diz Vidal (1995) a propósito das florestas e das estepes, “de uma simples impressão pitoresca, mas de uma fisionomia decorrente mesmo das funções das plantas e das necessidades fisiológicas de sua existência” (p. 32). Essa idéia é verdadeiramente absorvida por Vidal para desenvolver o tema das “fisionomias regionais”. No entanto o que lhe interessa é a realidade do povoamento humano. Para ele, é válida, a transposição ao domínio humano do estudo de uma formação vegetal composta de espécies heterogêneas e de origens diversas. Na Europa, por exemplo, onde estão

superpostos aluviões humanos [...], sob a conformidade da língua, da religião e da nacionalidade, persistem e não deixam de trabalhar as diferenças específicas implantadas em nós por um longo atavismo. No entanto esses grupos heterogêneos se combinam numa organização social que faz da população de uma região, vista no seu conjunto, um corpo. Às vezes acontece que cada um dos ele-

mentos que entram na composição se acantonam num gênero de vida particular [...]. Seguidamente a influência soberana do meio religa todas as ocupações e os hábitos análogos. Os signos materiais traduzem essas analogias, tal é a força dominante que prevalece sobre as diferenças originais e as combinações numa adaptação comum. As associações humanas, da mesma forma que as associações vegetais e animais, se compõem de elementos diversos submetidos à influência do meio (VIDAL, 1995, p.37).

Enfim, as ciências naturais, através da teoria da evolução das espécies, deram à geografia humana os conceitos de base: concorrência vital, adaptação, meio, etc., que foram transpostos ao domínio da espécie humana, ajustados e enriquecidos pelas necessidades e pelas particularidades do homem – inteligência e sociabilidade – e compreendidos no seio do mundo vivo.

A adoção de conceitos elaborados pelas ciências naturais constitui, de saída, uma garantia de cientificidade à geografia humana. A possibilidade de utilizar dados de observação e também dados experimentais, de uma maneira geral inexistente para as ciências humanas, fornece uma garantia suplementar. É a garantia e a possibilidade de um conhecimento objetivo. O primeiro passo é o reconhecimento e a validade do “direito” conferido à geografia humana. Seu objeto – as relações homem/natureza – existe realmente e, dessa maneira, se viabiliza a possibilidade da investigação geográfica.

### O homem e a geografia humana

Paralelamente a essa visão naturalista e aos métodos fundamentais da geografia humana em formação, desenvolve-se também um outro pólo: as especificidades do homem, o que nos leva a crer que Vidal desenvolve uma concepção “humanista”, que está polarizada e em constante tensão com uma concepção “naturalista”. Esse segundo pólo do pensamento vidaliano é uma constante nos “Princípios”, mas aparece como uma força secundária. E é em decorrência disso que guiamos a nossa análise através

dos elementos inteligência e sociabilidade do homem e das noções de gênero de vida, meio e densidade.

Essa concepção “humanista” de Vidal repousa sobre a afirmação de que o homem é diferente de uma simples espécie viva e mesmo sobre a de que ele é um ser separado da “natureza”. Segundo Vidal (1995), uma ruptura se produz entre o homem e a natureza, mais especificamente entre o homem e a animalidade. É isso que ele exprime no capítulo “Os agrupamentos e os meios”:

Somos levados a pensar que o conjunto de caracteres físicos e morais que especificam os diversos grupamentos são uma coisa muito complexa na qual entram elementos que pertencem a um passado remoto [...]. São produzidos nesse passado, que está coordenado com o nosso presente, certos fatos que parecem difíceis, senão impossíveis reproduzirem-se nas condições atuais. Não parece, por exemplo, que a domesticação de animais, realizada na aurora das principais civilizações, seja hoje uma arte de alguma forma remota, tornada incompatível com as relações atuais da animalidade e dos homens? Uma ruptura irreparável foi introduzida e, sem dúvida, rompeu-se a intimidade primitiva. Para sermos cuidadosos, é necessário, pois, que, ao tentarmos compreender as realidades complexas que se abrem às nossas análises, levemos em consideração as condições agora abolidas, mas cujos efeitos persistem através das transformações do tempo [...]. O que, ao contrário, ocorre com o progresso das civilizações, o que se desenvolve são modelos de grupamentos sociais oriundos da colaboração da natureza e dos homens, porém cada vez mais emancipados da influência direta dos meios. O homem se criou nos gêneros de vida [...]. Caçador, pescador, agricultor, ele é isso graças a uma combinação de instrumentos que são sua obra pessoal, sua conquista, o que ele junta de sua própria autoria à criação (p.128-129).

Enfim, o homem criador pode ser estudado segundo os princípios naturalistas? Sua natureza biológica não é superada (supressão/conservação) pelos dois princípios da diferenciação com as espécies animais e vegetais, que são a sociabilidade e a inteligência? A faculdade de iniciativa, a invenção (criação de um gênero de vida, por exemplo) introduz determinações que não são mais estritamente

naturais “pois o gênero de vida, através da alimentação e dos hábitos que ele implica, é a seu turno uma causa que modifica e molda o ser humano” (VIDAL, 1995, p.129).

A experiência mostra, aos olhos de Vidal, que os homens se emanciparam da natureza, de tal modo que o “gênero de vida” e o “meio” têm pouco a ver com seus equivalentes no mundo animal e vegetal. O meio é, certamente, constituído de uma “natureza” modelada e modificada pelo homem; mas ele é também constituído de uma outra “natureza”, qual seja o conjunto de representações mentais, de valores e de relações que se desenvolvem no seio do grupo. Dessa maneira, “pode-se dizer que as causas geográficas agem sobre o homem apenas pelo intermédio dos fatos sociais” (VIDAL, 1995, p.114).

Vidal nos dá um exemplo (a fome e a emigração na Irlanda) da existência dessa relação de causalidade intermediária fundamental que constitui o fato social, ao dizer que

bastou uma sucessão de más colheitas e o flagelo que se abateu sobre uma má constituição da propriedade para que a Irlanda perdesse, em vinte anos, mais ou menos a metade de sua população. Da mistura desse entrecruzamento perpétuo dos fatos sociais e dos fatos geográficos, resultam bem mais complexidade e vicissitudes do que se possa imaginar (VIDAL, 1995, p.113-114).

Em Vidal encontramos fatos sociais de duas ordens. Alguns mais concretos, como é o caso da repartição da propriedade, a estrutura familiar...; outros têm uma acepção mais ampla e significam representações ou valores grupais, como é o caso do “instinto social”, considerado como fator preponderante na “vasta e precoce difusão” da humanidade. Ele também serve de explicação para as diferentes reações ao meio. Vidal deixa claro que, entre as influências naturais, é necessário ver, também,

a importância do que se poderia chamar fator social. Esse instinto de aproximação que põe em contato os homens uns com os outros é um elemento de mobilidades diversas; há, para uns, o desejo de uma organização social fundada sobre

a hierarquia e particularmente sobre a escravidão; para outros, há a ambição e a necessidade de se agregar a um Estado social julgado superior. Em todo caso, a imitação, o prestígio do novo, o despertar de um conjunto de sugestões nascidas do contato e da relação de vizinhança com outros grupos contribuem para criar uma mentalidade diferente da que se elabora em certos meios (VIDAL, 1995, p.128).

Esse “fator social” ambivalente designa, ao mesmo tempo, estruturas sociais e uma espécie de força psíquica que se junta à inteligência para explicar as modalidades das ações humanas e do progresso.

No capítulo VI, “A evolução das civilizações”, o homem aparece como tendo uma tendência natural à criatividade e ao aperfeiçoamento, como atestam os exemplos das invenções realizadas mesmo em sociedades primitivas. As diferenças em grau de desenvolvimento, as estagnações ou as regressões se explicam através das modalidades da difusão do progresso.

Dois elementos ameaçam a criatividade humana. O primeiro diz respeito a um elemento psicológico que é o primeiro obstáculo a um desenvolvimento contínuo: a preguiça, que, segundo Vidal, é um elemento fundamental do comportamento humano. Para ele,

O homem é levado à inércia por uma inclinação natural. Uma tentação de torpor sempre o espreita. Vimos os naufragos que o acaso reuniu no arquipélago de Tristan da Cunha se habituarem a uma vida de lentidão e de indolência, ao ponto que, ao fim de uma geração ou duas, eles eram incapazes de se defrontarem com situações adversas. É necessário, pois, que uma força estranha intervenha (VIDAL, 1995, p.213).

Inspirando-se em Goethe, Vidal continua:

Se nós acreditamos no poeta ‘a atividade humana pode ser muito facilmente serenada. Ela não tarda a se comprazer, a condescender num estado completo de repouso. É por isso que eu faço questão de lhe dar esse companheiro que estimula e age e que, sendo o diabo, deve criar’. Diabo

ou não, esse princípio de inquietude e de descontentamento, capaz de uma ação criadora, existe na alma humana, mas age apenas em determinadas horas, segundo o tempo e os homens. Para que ela desperte é necessário que a idéia do mais perfeito se apresente sob forma concreta e que se entreveja alhures uma realização capaz de causar inveja (VIDAL, 1995, p. 213).

O segundo elemento diz respeito aos obstáculos impostos pelo isolamento uma vez que a concepção vidaliana de progresso é difusionista. Esse isolamento pode ser material ou geográfico, num sentido estrito, como é o caso de povos que, por sua base espacial, não têm nenhum contato fora de seu território. Um outro isolamento, muito mais vigoroso, é aquele em “que o próprio homem gesta e dá origem e que decorre de suas criações e de tudo que ele arquiteta sobre suas obras”, pois ele mistura às suas invenções “seus sentimentos, seus preconceitos e toda sua concepção de vida social. Ele finda, assim, por tecer em torno de si mesmo uma tela espessa que o enlaça e o paralisa” (VIDAL, 1995, p.213-214).

Esse conjunto pode constituir-se numa espécie de sistema fechado e extremamente coerente, uma vez que os contatos com povos ou meios diferentes, como é o caso das migrações, não são fontes de nenhuma mudança ou progresso. Seguindo esse viés, Vidal considera que poucas transformações qualitativas são produzidas na agricultura africana ou nos Estados Unidos, onde “as práticas agrícolas ligadas aos gêneros de vida persistiram com os mesmos organismos sociais aos quais eles estavam adaptados e que nasceram com eles” (VIDAL, 1995, p.215). Isso ocorre mesmo com a introdução de novas plantas alimentares.

Essa explicação dada por Vidal ao bloqueio do progresso traz consigo uma interpretação fundada sobre a força do hábito, que é dupla. Ela está, ao mesmo tempo, ligada à psicologia humana e a uma resistência quase material de um “sistema complexo” que mistura gênero de vida e organismos sociais. Esse sistema parece quase autônomo e determina fortemente a conduta do grupo.

O gênero de vida humano é muito mais que seus correspondentes de outras espécies. As necessidades e as realizações dos homens não são efetivamente da mesma ordem que as dos animais e dos vegetais, pois, por um lado, as suas necessidades vitais de realização são mediadas pela ação do pensamento e, por outro lado, o homem é movido por necessidades específicas, como é o caso da criação. Além disso, esses fatores – criatividade, psiquismo, etc. – estão integrados nas construções sociais (do grupo) e históricas, que acabam por dar aos homens uma autonomia em relação às outras espécies vivas.

Vidal (1995), ao que parece, propõe-se elaborar uma espécie de história natural da terra, mas, antes de tudo, uma história humanizada, visto que o homem, “obedecendo a suas impulsões e a seus próprios gostos [...], humanizou, através do uso, a natureza” (p. 212). Essa obra geográfica é real, histórica e social. Ela não é uma obra congelada, e é essencialmente uma construção de grupos humanos, e não de indivíduos isolados. Nesse sentido, a geografia humana deve integrar ao seu conjunto de ferramentas de análise o progresso resultante da inteligência e da sociabilidade humanas e suas formas dinâmicas. Numa certa medida, a geografia é um conhecimento que trata da “dominação” progressiva do homem na Terra.

Por fim, a interpretação vidaliana das organizações regionais complexas parte da idéia de totalidade. Daí, Vidal tira a idéia de conexidade: os fenômenos que observamos em um ponto estão ligados entre si e à realidade em escalas maiores ou menores. Essas relações explicam as estruturas que a geografia releva na superfície da terra.

Vidal se interessa muito pelas realidades geográficas extensas: nações ou grandes zonas geográficas como o mediterrâneo. Se ele efetua recortes regionais é para melhor compreender a natureza das entidades que o interessam. Seu método repousa sobre uma incessante dialética das escalas. Ele a realiza quando analisa a situação dos lugares ou de pequenos conjuntos territoriais: pontos ou áreas mais ou menos extensas. A outra

vertente desta dialética das escalas procede de modo inverso, indo das grandes áreas naturais, das nações, das grandes regiões em direção aos pays, ao local. Essas operações de regionalização que “revelam” componentes que existem no seio de um grande espaço o apaixonam. Quando se muda os critérios de partição a forma do recorte toma toda sua carga. É o que torna a demarche regional insubstituível no pensamento vidaliano. Ela revela assim a complexidade dos objetos estudados quer se trate de nações, de grandes espaços, ou do estudo do local. Para descrever a França Vidal mobiliza sucessivamente várias perspectivas: ele a recorta em regiões naturais (VIDAL, 1898); ele analisa conjuntos onde se desenvolvem formas de sociabilidade originais, que têm na França a particularidade de se completar (VIDAL, 1903); ele faz um inventário dos pequenos pays e das paisagens agrárias (VIDAL, 1904); retornando dos Estados Unidos ele se volta para a análise com base nas grandes cidades e as zonas de influência que elas talham no seio do território nacional (VIDAL, 1910).

Neste sentido, a demarche regional vidaliana não pode ser concebida de maneira estática. Simétrica à análise de situação ela é dinâmica. Abrindo vários flancos ela permite envolver na análise a natureza, a natureza humana, a cultura e todo o conjunto complexo de “objetos e de ações” que constituem a tecitura do território.

## REFERÊNCIAS

- BERDOULAY, V.; SOUBEYRAN, O. *Lamarck, Darwin et Vidal: aux fondements naturalistes de la géographie humaine*. Annales de Géographie, n. 561-562, 1991.
- BERDOULAY, Vincent. *La formation de l'école française de géographie*. Paris: CTHS, 1995.
- BESSE, Jean-Marc. *Voir la Terre, six essais sur le paysage et la géographie*. Paris: Actes sud ENSP/Centre du paysage, 2000.
- BRUNHES, Jean. *Geografia Humana*. Barcelona: Editorial Juventud, 1964.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Les deux pôles épistémologique de la modernité: une lecture des fondements de la géographie chez Kant et Herder. In: STAZAK, Jean-François. *Les Discours du Géographe*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Milieu et métaphysique: une interprétation de la pensée vidalienne. In: BERDOULAY, Vincent; SOUBEYRAN, Olivier. *Milieu, colonisation et développement durable*. Paris: L'Harmattan, 2000.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O paradigma perdido, a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.
- SOUBEYRAN, Olivier. *Imaginaire, science et discipline*. Paris: L'Harmattan, 1997.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTE. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.
- \_\_\_\_\_. La géographie humaine, ses rapports avec la géographie de la vie. *Revue de Synthèse Historique*, v. 7, 1903.
- \_\_\_\_\_. La géographie politique. *Annales de Géographie*, n. 32, 1898.
- \_\_\_\_\_. *Os Gêneros de vida na geografia humana*. Tradução Regina Sader e Simone Ferreira. Borrão, [199-].
- \_\_\_\_\_. Préface de l'Atlas Général. In: PINCHEMEL, Ph. et al. *Deux siècles de géographie française, choix de textes*. Paris: CTHS, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Principes de géographie humaine*. Paris: Utz, 1995.
- \_\_\_\_\_. Rapports de la sociologie avec la géographie. *Revue Internationale de sociologie*, n. 5, 1904.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Sur le sens et l'objet de la géographie. *Revue politique et littéraire*, n. 17, 1912.

\_\_\_\_\_. *Tableau de la géographie de la France*. Paris: Tallandier, 1979.

\_\_\_\_\_. *Régions française*. *Revue de Paris*, 1910.